

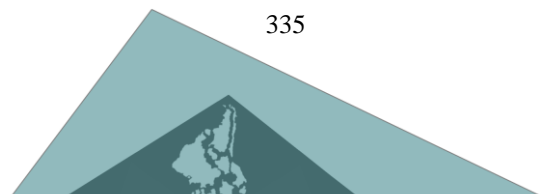
**PAISAGEM VERNACULAR NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA A  
AVALIAÇÃO E INVENTÁRIO****VERNACULAR LANDSCAPE IN BRAZIL: APPOINTMENTS FOR  
EVALUATION AND INVENTORY****PAISAJE VERNACULAR EN BRASIL: VÍAS DE EVALUACIÓN E  
INVENTARIO****Bruno José Rodrigues Frank**Doutor em Geografia/Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD  
brunofrank@ufgd.edu.br**Humberto Tetsuya Yamaki**Doutor em Planejamento Ambiental/Universidade Estadual de Londrina - UEL  
yamaki@uel.br**RESUMO**

Neste artigo são propostas diretrizes preliminares para a identificação e classificação de uma Paisagem Vernacular, mais adaptada à realidade latino-americana, mais especificamente no caso brasileiro. Utilizamos como base, metodologias de pesquisa em Paisagem Cultural consolidadas a tempo no contexto estadunidense e britânico, notadamente a Landscape Character Assesment (SWANWICK, 2002) e de classificação baseada no expertise de National Park Service (MCLELLAND, 1999). Por fim, apoiando-se nas reflexões internas e de autores como J.B Jackson (1970), Robert Riley (1987) e Frank e Yamaki (2021) a respeito da Paisagem Vernacular. Para isso o artigo trará diretrizes de operação pré e pós trabalho de campo assim como procedimentos gerais de identificação a avaliação, sintetizando-se na proposta de uma síntese regional e uma ficha de avaliação.

**Palavras-chave:** Metodologia. Paisagem Cultural. Caracterização de Paisagem. Classificação. Inventário.

**ABSTRACT**

In this article we propose guidelines for the identification and classification of a Vernacular Landscape, closer to Latin American realities, more specifically the Brazilian case. Research methodologies in Cultural Landscape consolidated for a longer time in the American and British context, notably the Landscape Character Assessment (SWANWICK, 2002) and classification based on the expertise of the National Park Service (MCLELLAND, 1999) are used as basis. Finally, relying on internal reflections and authors such as J.B Jackson (1970), Robert Riley (1987) and Frank and Yamaki(2021) about the Vernacular Landscape. For this, the article will provide fieldwork operation guidelines as well as general procedures for identification and



evaluation, summarized in the proposal of a regional synthesis and evaluation checklists.

**Keywords:** Methodology. Cultural Landscape. Landscape Character Assessment. Inventory.

## RESUMEN

En este artículo proponemos lineamientos para la identificación y clasificación de un Paisaje Vernáculo, más adaptado a la realidad latinoamericana, más específicamente en el caso brasileño. Utilizamos como base metodologías de investigación en Paisaje Cultural consolidadas durante más tiempo en el contexto estadounidense y británico, en particular la Evaluación del carácter del paisaje (SWANWICK, 2002) y la clasificación basada en la experiencia del Servicio de Parques Nacionales (MCLELLAN, 1999). Finalmente, apoyándose en reflexiones internas y de autores como J.B Jackson (1970), Robert Riley (1987) y Frank y Yamaki (2021) sobre el Paisaje Vernáculo. Para ello, el artículo brindará lineamientos de operación pre y post trabajo de campo, así como procedimientos generales de identificación y evaluación, resumidos en la propuesta de una síntesis regional y un formulario de evaluación.

**Palabras-clave:** Metodología. Paisaje Cultural. Caracterización del Paisaje. Clasificación. Inventario.

## INTRODUÇÃO

Paisagem Vernacular pode ser definida como resultado de atividades relacionadas a rotinas de trabalho e uso. Sua gênese está associada às atividades cotidianas desenvolvidas continuamente em um local. Evoluem de maneira organizada ou a partir de diretrizes de ordenamento de território, mas sem prescindir das características dos grupos que a idealizaram ou dela viveram.

Dentro das demais categorias da Paisagem Cultural, a Paisagem Vernacular permanece como uma das menos estudadas, a despeito do enorme potencial de pesquisa. No universo anglo-saxão, foram realizados esforços no sentido de teorização nos últimos 30 anos (CLEMENT, 1999; JACKSON, 1970; RILEY, 1987). Porém, no caso brasileiro e em certa medida no universo lusófono inexistem procedimentos específicos aplicados à cada realidade nacional. Hourigan (2005) e Asadpour (2018) afirmam que existem demarcações do que é e do que não é vernacular que variam de país a país. Dá-se aí a importância de se realizar esta discussão no contexto brasileiro.

Porém, inexistente uma metodologia específica ou uma sequência de procedimentos que possa nortear a identificação e catálogo. Para isso, fez-se necessário

a utilização de métodos de levantamentos originários de outras áreas/ aplicações. Com destaque para a Arquitetura (Arquitetura Vernacular), a Geografia (Geografia Cultural) e História (Patrimônio Histórico).

A flexibilidade da incorporação de mudanças presente na paisagem afeta, em grande medida, sua capacidade de resiliência. Isso implica em que, necessariamente teremos de priorizar as transformações e desdobramentos que se repetem, de maneira a extrair padrões de análise.

Neste artigo discutiremos as técnicas de pesquisa em Paisagem Cultural que serviram de base, elencando aqueles procedimentos que se mostraram mais úteis para a análise da Paisagem Vernacular. Muitas das reflexões discutidas aqui são desdobramentos de autores como Carl Sauer e George Hoskins (FRANK; YAMAKI, 2018).

## **BREVE TRAJETÓRIA DO TERMO**

A trajetória do termo Paisagem Vernacular remonta à J.B Jackson, que em suas observações sobre a Paisagem aparentemente banal em sua terra natal, Estados Unidos. Destoava do enfoque dado aos estudos da Paisagem, com maior enfoque no “ar histórico”, baseadas principalmente na experiência europeia.

Jackson observou que toda paisagem possui significados que existem em diversas “camadas”. que se constituíram ao longo do tempo em em diferentes épocas, com usos associados ao cotidiano. Assim, mesmo na experiência europeia, , é possível reconhecer na organização do espaço contemporâneo, múltiplos traçados, remanescentes, de terras comunais do período medieval.

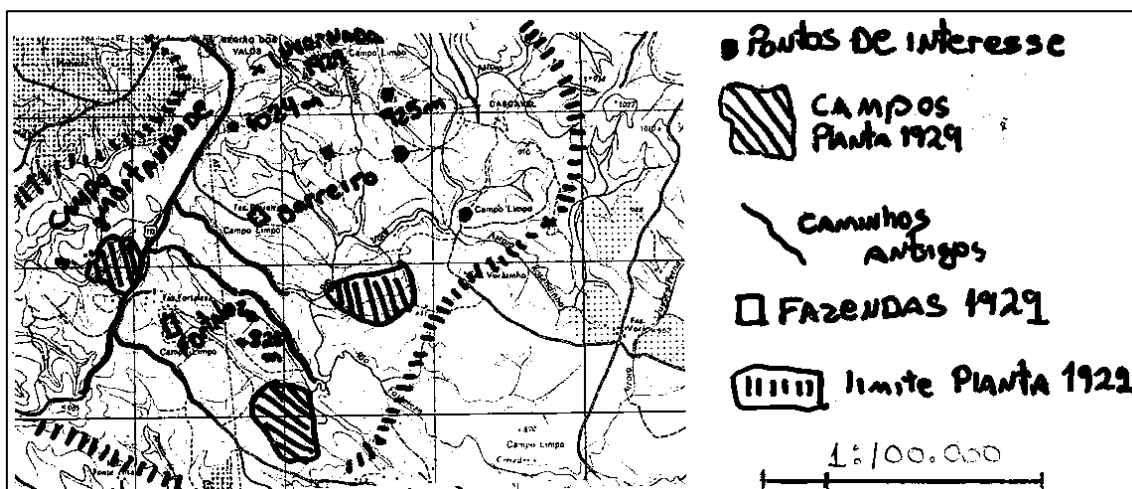
Enquanto teoria, Paisagem Vernacular não prescinde da herança dos estudos em Paisagem Cultural (RILEY, 1987), e, embora fértil fora do Brasil (principalmente no mundo anglófono), foram feitos esforços na discussão de uma teoria mais apropriada aos trópicos (FRANK; YAMAKI, 2021). Sendo assim podemos definir uma Paisagem Vernacular como:

[...] uma Paisagem que tenha se constituído ao redor das atividades do cotidiano (sejam econômicas ou não) e cujas características se associem ao uso continuado. Tais paisagens podem ter evoluído organicamente, a partir de adições residuais do tempo ou a partir de diretrizes gerais de organização do território (dimensão de lotes, traçado de estradas, p.ex.), mas sem perder os contornos próprios dos indivíduos ou grupos que as realizaram. Podem também apresentar significados e simbolismos associados a estes mesmos grupos ou atividades (FRANK; YAMAKI, 2021, p.149).

## SÍNTESE DOCUMENTAL E FONTES DE INFORMAÇÃO

É possível reconhecer elementos de Paisagem Vernacular a partir de levantamentos de imagens de satélite e de cartas topográficas. As imagens permitem identificar padrões no uso de solo ao longo do tempo (uso de imagens de diferentes períodos). Ele é válido para cartas topográficas e plantas de loteamento.

**Figura 1** - Pontos de interesse e cruzamento de informações. Rascunho rápido para ser utilizado em campo transcrito em mapa base de 1991. Ventania-PR.



Fonte: IBGE, 1992

Comentando a imagem acima (FIG.1), observamos estradas de terra com traçado acompanhando o relevo, distribuição de fazendas, relevo (vale, morro) como marco de fazendas.

As informações extraídas destas fontes vão desde modificações na estrutura original, expansão urbana, desmembramento e incorporação de propriedades, posição e “povoamento” (quantidade de casas p.ex.). Estas informações podem ser transplantadas

para um mapa-base. Em cartas topográficas e plantas é possível a identificação de topônimos importantes e contrastá-las com informações obtidas em campo ou através da bibliografia. Outro aspecto essencial, é o da tradição oral, para isso moradores ou proprietários por exemplo. permitem não só contatos de referências como oferecem insights ou explicações a respeito do “funcionamento” da Paisagem. A respeito disso nos diz Jackson (1970):

Acredito que qualquer paisagem, seja ela Vernacular ou não, não pode ser compreendida a menos que nos perguntamos a respeito de quem usa estes espaços, como eles foram criados e como eles podem mudar. Muitas vezes são os aspectos legais da Paisagem que nos dão os insights necessários, principalmente quando pensamos no relacionamento do camponês ou do morador de uma vila com o pedaço de terra em que ele trabalha (JACKSON, 1970, p.150, tradução nossa).

Na medida em que os agentes que produzem ou atuam na Paisagem Vernacular, na maioria das vezes não são conscientes do conceito e de sua aplicação, pois “vivem” naquele território (BERQUE, 2010). Para um agricultor é sua atividade cotidiana de onde extrai os recursos de sobrevivência e novos investimentos. É importante também que o pesquisador procure compreender os processos que tenham moldado a região estudada, de preferência específicos tais como guias de fazendeiros, guias construtivos e revistas agropecuárias.

Um exemplo: um pesquisador que tenha como objeto de estudo a Paisagem Vernacular de uma determinada região com forte vocação agrícola, deve se inteirar das rotinas da lavoura tais como etapas de plantio, espaçamento, sazonalidades, pousio, rotação de culturas etc. Esse processo será fundamental no estabelecimento de roteiros de entrevista, seleção de localidades e estabelecimento de hipóteses. Em síntese, nosso modelo o seguinte esquema:

1. Identificação Pré-campo (leitura de cartas e plantas visando a identificação de homogeneidade, padrões e continuidade).
2. Ida preliminar a campo para verificação dos elementos
3. Ida a campo para confirmação.
4. Análise de dados pós-levantamento de campo
5. Síntese e discussão.

A análise de censos e informações de cenário econômico<sup>1</sup> deve ser levado em consideração ao estabelecer paralelos entre os períodos analisados. Paul Claval (2005) chama a atenção ao papel do cenário econômico nos estudos de Paisagem Vernacular<sup>2</sup> e defende que são fundamentais para o estabelecimento da própria hipótese de gênese, propagação e decadência. Uma vez que a Paisagem Vernacular lida diretamente com os incentivos de agentes econômicos e suas consequências para a organização do espaço.

**Tabela 1** - Apontamentos para avaliação e inventário

Pré-Campo (literatura)	Pré-Campo	Campo preliminar (windshield)	Campo definitivo	Síntese
<ul style="list-style-type: none"> <li>• História</li> <li>• Regional</li> <li>• Toponímia</li> <li>• Expedições</li> <li>• Identificação de rotas e estradas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homogeneidade</li> <li>• Tempo</li> <li>• Reconhecibilidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento visual (conjunto de elementos e homogeneidade)</li> <li>• Elementos excepcionais (p.e.x. invernadinha, capelas, pequenos monumentos)</li> <li>• Legibilidade no tempo (antigas fazendas, caminhos tortuosos à meia encosta, árvores marcando a estrada, etc.)</li> <li>• Estradas, caminhos e acessos</li> </ul>	<p>Rural</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificação Rede de caminhos e acessos</li> <li>• Elementos de homogeneidade/ repetição/ continuidade/ implantação</li> </ul> <p>Patrimônio</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Implantação (relação com antigos caminhos p.ex..)</li> <li>• Distanciamento com outros patrimônios ou localidades importantes</li> <li>• Estrutura espacial (rua principal, praça, etc.)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecimento de elementos (continuidade e no tempo)</li> <li>• Reconhecimento dos elementos e homogeneidade (caráter)</li> <li>• Usos, desusos e reuso (resiliência)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A flexibilidade na incorporação de mudanças presente nas paisagens vernaculares afeta em grande medida sua capacidade de resiliência, isso implica que necessariamente teremos de priorizar as transformações e desdobramentos que se repetem de maneira a extrair padrões que possam ser analisados.

<sup>1</sup> Utilizamos como indicadores essenciais os dados fornecidos por agências oficiais como IBGE ou informações compiladas a partir de órgãos regionais como IPARDES e ITCG. Informações a respeito de censos históricos podem ser fornecidas por estudos específicos na área de demografia.

<sup>2</sup> A partir de nosso itinerário metodológico procuramos abranger esse escopo na forma de pesquisa “pré-campo” que alimenta hipóteses e orienta a pesquisa em campo (inclusos fichas de avaliação, fotografia e entrevistas).

Procuramos elaborar nossas diretrizes metodológicas de acordo com um amálgama de teorias e métodos que foram sintetizados especificamente para a análise da Paisagem Vernacular.

## ASPECTOS E QUALIDADES E OBSERVAÇÃO EM CAMPO

No momento de realização dos trabalhos de campo é preciso uma especial atenção na realização de registros. Na medida em que os elementos observados na Paisagem possuem pesos diferentes, e que podem ser definidos tanto em uma etapa de pré-estudo da área quanto em elementos ou descobertas realizadas *in loco*, podendo, inclusive, levar a um refinamento ou aprimoramento da capacidade de observação (treinar o olhar). Deve se ter em conta que pequenos fatos cotidianos servem como pistas, mas se não agregam grande valor à Paisagem devem receber um peso proporcional enquanto fonte de informação. Por exemplo, um conjunto de cercas internas em uma propriedade pode parecer sem sentido em um primeiro momento. Porém uma investigação mais atenta irá mostrar que estas cercas internas servem para compartimentação do espaço para fases da criação ou para proteger hortas de outros animais por exemplo.

Em campo, os levantamentos do tipo *windshield* (vista a partir do automóvel em movimento) são muito importantes. Chamam a atenção para os elementos da paisagem e podem ocorrer tanto em fases pré-campo como durante sua execução. É essencial que sejam fotografados e registradas na forma de anotações ou na forma de coordenadas.

A coleta de dados em campo é em grande parte realizada em dois sentidos: (a) primeiramente, não seguir uma forma fixa e detalhada de pesquisa, no começo. (b) Segundo lugar, as categorias que são utilizadas para interpretar o que fazem ou falam não são construídas através da coleção de dados, mas através da coleção de registros de observação e questionários. São, ao contrário, geradas através do processo de análise de dados. Esse tipo de coleta foca geralmente em poucos casos, de pequena escala, talvez um padrão simples de pessoas. Isto serve para facilitar estudos mais profundos.

É importante considerar os seguintes aspectos na análise: (a) Preocupação com a identificação da continuidade, elos; (b) Compreensão das camadas históricas; (c) Densidade Temporal (50 anos).

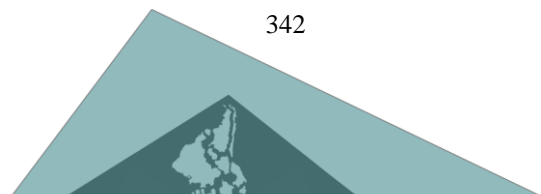
A resposta a estas perguntas pode dizer muito sobre os indivíduos que idealizaram tais paisagens, seu cotidiano e sua atitude reativa frente ao ambiente. A partir daí, podemos conjecturar em cima de disponibilidades reais dos indivíduos em uma dada situação. Trata-se de um exercício de imaginação geográfica. Algumas perguntas são essenciais: Disponham de que materiais, quais eram seus objetivos e seus limites operacionais<sup>3</sup>?

Para organização de nossa análise levamos em conta alguns parâmetros sugeridos por Paul Groth (1997) e de certa forma orientam a “boa pesquisa” em Paisagem Cultural. São eles:

- Paisagens comuns ou cotidianas são importantes e valem a pena ser estudadas uma vez que "são arquivos da experiência social e do significado da cultura" (idem, p.3).
- Em sua maioria os objetos de pesquisa são urbanos ou rurais, quase sempre focados na produção e no consumo. Nos primórdios, estudiosos preferiam mais as paisagens rurais, pois as mudanças eram sentidas mais solidamente.
- O contraste entre diversidade e unidade é essencial e continuam no debate da interpretação da paisagem cultural.
- Os estudos necessitam de fontes tanto acadêmicas quanto populares, de maneira a influenciar o maior número de pessoas.
- As várias opções entre teoria e método nos estudos de Paisagem advêm da natureza interdisciplinar do objeto. "Não há um "só" método ou teorias aprovados" (idem, ibidem, p.10).

---

<sup>3</sup> Nossa cultura contemporânea possui certa dificuldade em compreender como chegaram até nós determinadas estruturas herdadas do passado. Isso é verdadeiro também a nível pessoal e está relacionada com diferenças de geração e de vivência que impossibilitam um salto na imaginação geográfica. P.ex. Imaginar que todas as estradas eram asfaltadas ou que a velocidade do tráfego fosse semelhante à de nossas auto-estradas, ou mais ainda: não compreender o desafio de travessia ao longo de lombo de animais e toda a logística envolvida na formação do território.



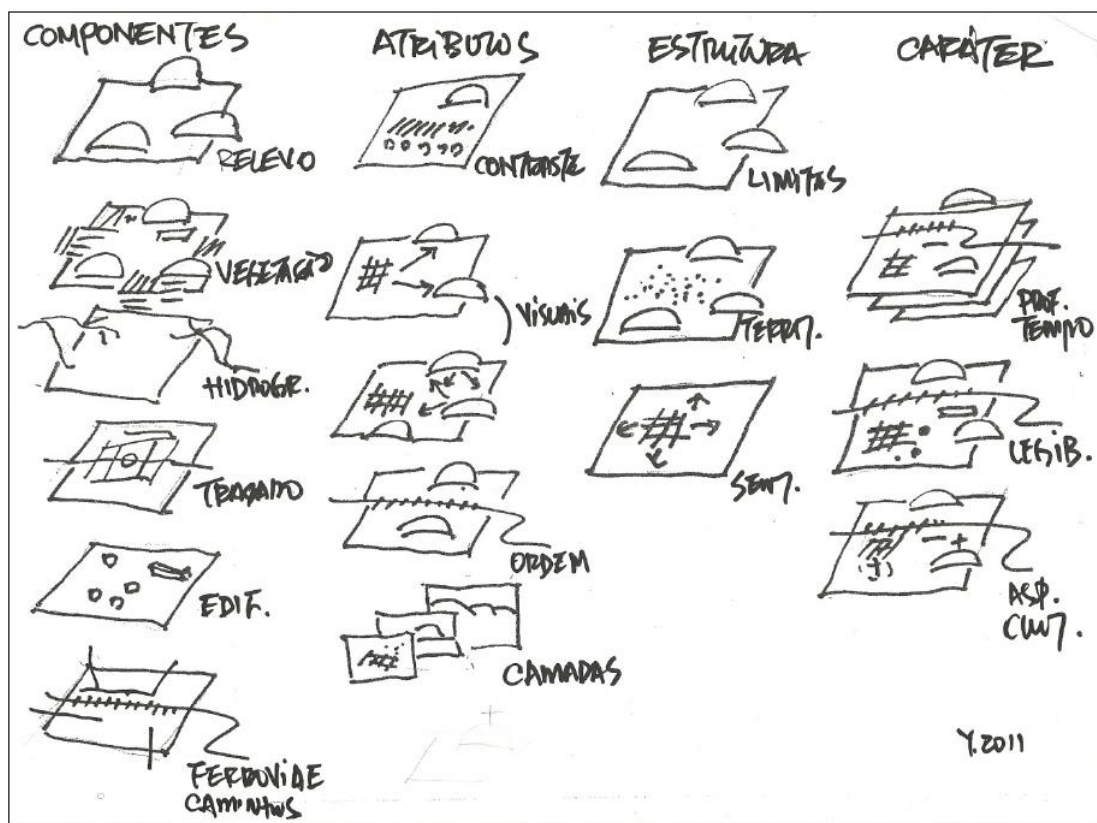


- Dentro dos métodos de paisagem cultural, o primado da informação visual e espacial é o tema central, mesmo que toda interpretação seja baseada apenas em dados visuais e espaciais.

YAMAKI (2013) elaborou um Diagrama para Identificação e Avaliação da Paisagem Cultural, a fim de compreender através dos componentes e elementos que compõem o caráter da Paisagem.

Este método partidariza na paisagem, os componentes (MCLELLAND, 1999), atributos (LAMPTON, 2006) e estrutura (NORBERG-SCHULZ, 1980). O caráter é o resultado da combinação destes elementos mais as camadas do tempo e aspectos culturais. O diagrama possui uma rede de itens mapeáveis.

**Figura 2-** Diagrama de avaliação de Caráter da Paisagem.



Fonte: YAMAKI, 2013.

Os componentes ou elementos podem ser entendidos como partes constituintes da Paisagem. Uma cerca, morros, edificações ou caminhos. Independem de escala ou dimensões, o importante é a identificação dos componentes que são comuns e compõem o conjunto (Fig.2). Já os atributos relacionam-se como comparação entre elementos quando lado a lado.

Podemos identificar elementos dominantes e elementos secundários na Paisagem. Por elementos dominantes destacamos aqueles que sobressaem na paisagem como montanhas, morros, entre outros centralizam o olhar. Já os elementos secundários são aqueles que complementam (como cercas ou pequenos detalhes p.ex.) Isso pode ser realizado a partir da classificação de uma sequência de imagens.

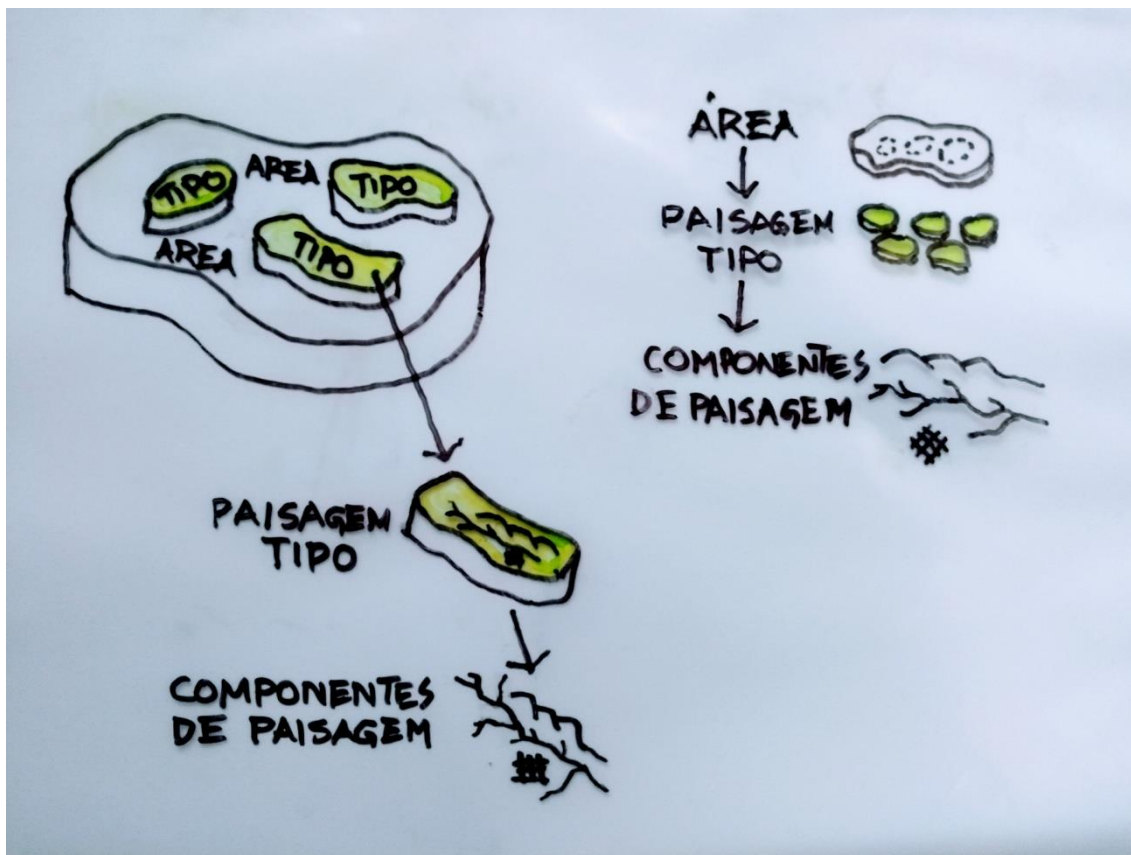
A estrutura diz respeito ao conjunto ou como os componentes se organizam na Paisagem. A compreensão da estrutura é fundamental pois reflete a ideia de propósito ou das funções executadas. É possível assim, extrair uma “lógica”.

### **CRITÉRIOS PARA CLASSIFICAÇÃO E INVENTÁRIO.**

De acordo com Cavalcanti (2014) existem duas abordagens de identificação e organização hierárquica das paisagens. A primeira reside em identificar uma paisagem maior e subdividi-la em paisagens menores e a segunda consiste em identificar **unidades de paisagens menores e agrupá-las em paisagens maiores.**

O enfoque dado à classificação e inventário da Paisagem Vernacular seguirá o segundo critério (agrupamento de pequenas manifestações em grupos maiores) a fim de tipificarmos as áreas a serem estudadas.

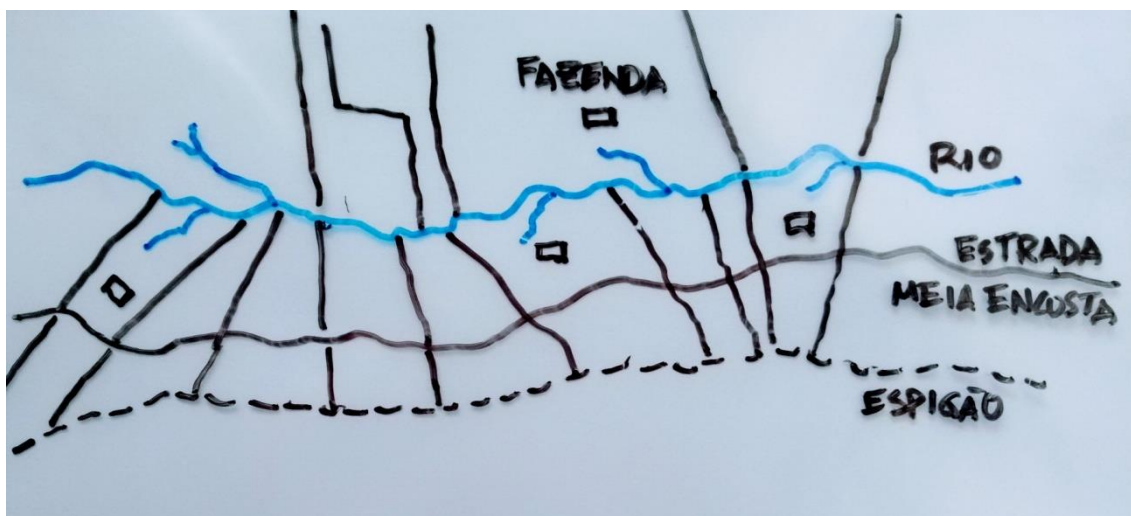
**Figura 3** - Exemplo de interação entre Paisagem, paisagem-tipo e componentes da paisagem-tipo.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O recorte histórico oferece algumas dificuldades, pois "muitas" paisagens possuem gênese em períodos anteriores e não são fixas no tempo. Porém tal recorte auxilia na esquematização geral. Nesse sistema, é a forma final que importa ao levantamento (lembrando-se do primado da informação visual).

Um exemplo: caso apenas o recorte histórico seja tomado como critério e este se estenda até a década de 1950, por exemplo, todo o "New Vernacular" (ALEXANDER, 2011) com seus estacionamentos, restaurantes de fachada reta e galerias estariam relegadas a um segundo plano ou nem apareceriam nos relatórios e fichários de classificação.

**Figura 4** - Sketch para identificação de padrões (aproximação).

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

## PROCEDIMENTOS GERAIS E TRABALHO DE CAMPO

Com base nos procedimentos gerais da metodologia proposta por Swanwick (2002) *Landscape Character Assesment*, a estratégia de investigação consiste na compilação de informações que podem ser divididas em: (1) informações colhidas em campo, tais como as descrições a respeito da área (caráter oral), (2) levantamentos de campo (aspectos naturais e de implantação p.ex.) e (3) aqueles referentes ao material documental existente (tais como cartas topográficas, mapas antigos e literatura existente). Em suma: os passos para a documentação Pré e pós-campo são basicamente os seguintes (SWANWICK, 2002):

- Área ou contexto ambiental
- Limites
- Padrões culturais e desenvolvimento histórico
- Distribuição de elementos
- Elementos
- Fatores futuramente associados ao processo de inventário

A pré-pesquisa e os trabalhos de campo auxiliam na definição de prioridades e hierarquias entre os elementos. A sua constância (repetição) e os aspectos de significância cultural e está no centro das observações.

Autoestradas e ferrovias, por exemplo, são componentes mais estáveis, enquanto o uso de solo por sua vez, é mais dinâmico (CONZEN 1969). Após o processo de inventário e documentação, a análise das informações tem como fundamento a **técnica** de sobreposição ou *overlap*. Sobrepõem-se os levantamentos e informações sobre um mapa base. Tal procedimento permite analisar permanências e continuidades.

No trabalho de campo, junto aos pontos de interesse na fase pré-campo adotamos o método de **amostragem por caminhamento livre**, que é “[...] o mais flexível, os pontos de observação são marcados conforme a variabilidade paisagística da área de estudo, sem seguir um caminho definido (CAVALCANTI, 2014, p.56)”. Este tipo de procedimento é muito comum em estudos de geomorfologia p.ex.

## SÍNTESE REGIONAL E A FICHA DE AVALIAÇÃO

Uma avaliação prévia da bibliografia existente permite traçar a “mobilidade” dessas paisagens-tipo. Um processo de pré-avaliação não deverá prescindir de uma “síntese regional”, uma minibiografia da área estudada. Diversas hipóteses podem ser levantadas durante essa fase. De forma resumida compõem-se de: (1) Síntese histórica da região; (2) Dados demográficos; (3) Cartas topográficas e mapas históricos.

As fichas de avaliação, por sua vez, são utilizadas em campo para caracterização individual dos pontos de interesse (paisagens representativas). Esta ficha foi montada tendo como base os aspectos mais comumente associados à Paisagem Vernacular. Deriva de bibliografia específica da área de Avaliação de Caráter de Paisagem cujo trabalho de referência é de autoria de Swanwick (2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os procedimentos levantados neste trabalho podem ser utilizados em outras paisagens e encontra semelhanças com métodos consagrados como a LCA, ou por agências governamentais ligadas ao patrimônio histórico. Porém, na medida em que

existem contextos regionais/nacionais<sup>4</sup> distintos é possível que nossa metodologia seja livremente adaptada à outras realidades. As escolhas refletem dificuldades e oportunidades surgidas, principalmente nos levantamentos de campo e dependem muito do olhar treinado do pesquisador. O aprender a “observar” é um contínuo de treino e de experiência assim como de teorias e autores.

## REFERÊNCIAS

ALANEN, Arnold. Considering the Ordinary: Vernacular Landscapes in Small Towns and Rural Areas in: ALANEN, Arnold; MELNICK, Robert (Org.). **Preserving Cultural Landscapes in America**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000. P.112-142.

ALEXANDER, D. **Spetacular Vernacular**. Minneapolis: Walk Art center, 2011.

ASADPOUR, A. Vernacular Landscape: The Transition of the Past Concepts to the Contemporary Context. **The IFLA Middle East Conference (MELAC 2018): Landscape in Transition**, Teerã, p. 1-9, Maio 2018.

BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL (orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, p.84-9, 1998.

CAVALCANTI, L. C. D. S. **Cartografia das Paisagens: Fundamentos**. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.

CLEMENT, Dorene. **General Guidelines for Identifying and Evaluating Historic Landscapes**. Califórnia, 1999.

CONZEN, M.R.G. **Alnwick, Northumberland: A Study in Town Plan Analysis**. Londres: The Institute Of British Geographers, 1969.

FRANK, B. J. R.; TETSUYA YAMAKI, H. **Reflexões e Diretrizes para o Estudo da Paisagem Vernacular**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 146–161, 2021

GROTH, P. Reading the Landscape. In: **Understanding ordinary landscapes**. GROTH, P; BRESSI, T. New Haven: Yale University Press, 1997.

HOURIGAN, N. Confronting Classifications - When and What is Vernacular Architecture? **Civil Engineering and Architecture**, Marietta, v. III, n. 1, p. 22-30, 2015.

JACKSON, J. B. **Landscapes**. Massachussets : University of Massachussets , 1970.

---

<sup>4</sup>Sobre as particularidades regionais/ nacionais da Paisagem Vernacular observar os trabalhos de Hourigan (2005) e Asadpour (2017).

JACKSON, J. B. **A sense of place, a sense of time.** Londres e New Haven: Yale University Press, 1994.

LAMPTON, K. (org.). **The Roadscape Guide – Tools to Preserve Scenic Road Corridors.** Champlain Valley Greenbelt Alliance for the Vermont Forum on Sprawl: Vermont, 2006.

MCLLELAND, L. *et al.* **Guidelines for Evaluating and Documenting Rural Historic Landscapes.** Washington: National Park Service, 1999 [1989].

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture.** Rizzoli: New York, 1980.

OLIVER, P. **Built to meet needs:** Cultural issues in Vernacular Architecture. Oxford: Elsevier, 2006.

OLIVER, P. **Built to meet needs:** Cultural issues in Vernacular Architecture. Oxford: Elsevier, 2006.

RILEY, R. Vernacular Landscapes. *In:* ZUBE, E.; MOORE, G. **Advances in Environment behavior and design.** Dordrecht: Kluwer Group, v. I, 1987. p. 129-158.

SWANWICK, C. **Landscape Character Assessment:** Guidance for England and Scotland. The Countryside Agency: Cheltenham, 2002.

YAMAKI, H. Paisagem Etnográfica Paranaense - Metodologia de Análise de Colônias e Fazendas de Imigrantes Japoneses no Norte do Paraná na década de 20-30. *In:* **3º Seminário Ibero Americano - Arquitetura e Documentação,** Belo Horizonte: UFMG, 2013. v. 1. p. 1-12.

Recebido em abril de 2022.

Revisão realizada em maio de 2022.

Aceito para publicação em junho de 2022.